

DO MEU INTERIOR: as narrativas de vida de mulheres no Vale do Mucuri

FROM MY INSIDE: the life narratives of women in the Mucuri Valley

Leilane Tolentino STAUFFER¹; Letícia SANTANA GOMES²; Cláudio Humberto LESSA³

Resumo:

Este artigo busca discutir a reconstrução de possíveis *ethé* de três mulheres moradoras da cidade de Nanuque (MG), a partir de entrevistas gravadas em vídeo. O aporte teórico-metodológico para observar de que forma as mulheres reorganizam o vivido concentra-se no discurso autobiográfico, no conceito de imaginários sociodiscursivos e na entrevista midiática por meio de três aspectos levantados por Arfuch (2010): a infância, a vocação e a afetividade.

Palavras-chave: *Ethé* discursivos; Memória; Discurso autobiográfico.

Abstract:

This article intends to discuss the reconstruction of possible *ethé* of three women living in Nanuque city, in Minas Gerais, from interviews recorded on video. The theoretical-methodological contribution to note how these women reorganize their experiences focus on autobiographical discourse, on the concept of sociodiscursive imaginaries and on the media interview through three aspects raised by Arfuch (2010): childhood, vocation and affectivity.

Keywords: Discursive *ethé*; Memory; Autobiographical discourse.

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) / leilanetauffer@gmail.com.

² Mestranda do programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) / leticiasantanag@gmail.com.

³ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor efetivo do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) / claudiohlessa@gmail.com.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a reconstrução do *ethos* de três mulheres que moram no interior de Minas Gerais, na cidade de Nanuque, no vale do Mucuri. Por meio de estudos de autores que serão detalhados a seguir, é possível afirmar que expressões autobiográficas correspondem a uma reconstrução discursiva. Dessa forma, interessa-nos investigar de que forma as três entrevistadas narram suas histórias de vida e se reconstróem a partir das relações sociais vividas.

Aproximar-se das histórias dessas mulheres é também conhecer e resgatar a memória da cidade. Nanuque, situada no nordeste de Minas Gerais, é um município composto por aproximadamente 40 mil habitantes. Localizado no Vale do Mucuri, faz divisa com os estados da Bahia e do Espírito Santo e, por isso, converge hábitos, sotaques, sabores e formações culturais de três estados brasileiros. A cidade foi construída seguindo as demarcações geográficas do rio Mucuri, que possui 29 km de extensão em território nanuquense.

Nesse cenário, convidamos três mulheres de diferentes classes sociais e com histórias de vida e de luta particulares para integrar o *corpus* deste trabalho. São elas: a diarista Lucinólia Pereira da Silva, mais conhecida como Lucia, 42 anos, natural de Nova Canaã (BA), casada com o vaqueiro Jai Jesus e mãe de três filhos; a primogênita entre os 11 filhos de Rosa Feitosa e Miguel Santana, Maria Helena Feitosa de Santana, 67 anos, natural de Juazeiro do Norte (CE), solteira; a educadora Terezinha Maria da Silva Gomes, 81 anos, natural de Nova Viçosa (BA), mãe de quatro filhos. As entrevistas, registradas em vídeo, foram gravadas em local simbólico comum a cada uma delas: suas casas. O roteiro das entrevistas que buscou conduzir os relatos foi elaborado a partir de três aspectos abordados por Arfuch (2010): infância, vocação e afetividade. Esses três aspectos, para Arfuch (2010), estão diretamente atrelados para analisar narrativas de vida. Tais biografemas, conceito a ser refletido neste artigo, são partes inseparáveis de toda narrativa pessoal. Por isso, aspectos relacionados à infância, à vocação e à afetividade conduziram o roteiro semiestruturado da entrevista. Cada narrativa pôde ser lida a partir dessas “grades” que nortearam nossas análises.

Apresentaremos o conceito de Arfuch (2010) sobre espaço biográfico e retomaremos algumas reflexões sobre o surgimento da escrita autobiográfica, para uma

breve contextualização do tema. Situaremos também o gênero entrevista como um dos gêneros que possibilitam a emergência das narrativas de vida. Vale ressaltar que este estudo não tem como objetivo aprofundar sobre as reflexões de Arfuch, mas dialogar com a autora, a fim de contextualizar questões em torno da autobiografia e da entrevista, além de utilizar alguns conceitos que se mostraram operatórios.

Para a análise, trabalharemos, além das noções de espaço biográfico de Arfuch (2010), a noção de ethos discursivo desenvolvida por Maingueneau (2005, 2008) e os trabalhos sobre imaginários sociodiscursivos de Charaudeau (2007).

1 - A vida como narração e o discurso autobiográfico

Ao estudar a narrativa biográfica, é possível encontrar os mais variados gêneros: autobiografia, biografia, memórias, romance biográfico, relato, testemunho, perfil, retrato, currículos, entre outros. Em todos eles, como aponta Procópio-Xavier (2012), podemos dizer que exista uma tendência ao uso da estrutura narrativa para (re)construção da história de vida de alguém. A narração dessa história é expressão de interioridade, afetividade e experiência, como uma afirmação de si mesmo⁴.

A partir do século XVIII, com Rousseau, em *As confissões* (1959), é possível delinear um gênero literário autobiográfico como testemunho de épocas – confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos. Mas antes desse período, já existiam alguns movimentos que sinalizavam a emergência da escrita de si. Bakhtin (2002) percorre as características (auto) biográficas na Antiguidade a partir de dois tipos. No primeiro tipo, o platônico, a consciência autobiográfica do homem está ligada ao cronotopo⁵, “o caminho de vida do indivíduo que busca o verdadeiro conhecimento” (BAKHTIN, 2002, p. 250). No segundo tipo, o grego, destacam-se a autobiografia e a biografia retóricas. Trata-se da tentativa de substituir o antigo “lamento” (*trenos*) para o *enkomion* “discurso civil, fúnebre e laudatório”. Essa forma de encômio deu origem à primeira autobiografia antiga com o discurso de defesa de Isócrates.

⁴ Esse diálogo analítico foi desenvolvido no Trabalho de Conclusão de Curso *Por uma memória editorial: uma análise discursiva e autobiográfico do documentário* (SANTANA -GOMES, 2015).

⁵ A visão bakhtiniana aponta a existência do cronotopo a partir da relação entre tempo e espaço. Tal noção auxilia-nos a refletir como as categorias de tempo e espaço são representadas textualmente e constituem o sujeito no texto.

É importante sinalizar que as características autobiográficas clássicas apontadas não estão dissociadas do caráter público. A condição de cronotopo real apontada por Bakhtin (2002) revela essa característica pública:

É justamente nas condições desse cronotopo real que se revela (se publica) a sua vida ou a dos outros, que especificam as facetas da figura do homem e da sua vida, que se dão esclarecimentos definidos a respeito dela. O cronotopo real é a praça pública (a *Ágora*). Foi ali que, pela primeira vez, surgiu e tomou forma a consciência autobiográfica e biográfica do homem e da sua vida na Antiguidade clássica (BAKHTIN, 2002, p. 251)

A praça aqui representada é a metáfora do lugar onde tudo acontecia na Antiguidade. A praça era o próprio Estado. Portanto, temos aqui um cronotopo concreto, onde a vida do cidadão era revelada e avaliada a um público-civil. Assim, a imagem do “homem biográfico” estava dissociada de uma característica íntima-privado.

Atualmente, as formas de escritas de si se desdobram em uma quantidade de variantes literárias e, sobretudo, midiáticas. Um exemplo de parte dessa diversidade encontra-se no gênero documentário, considerado “uma expressão mais imediata do vivido, do autêntico, do testemunhal” (ARFUCH, 2010, p. 37).

A pesquisadora Leonor Arfuch, que mantém diálogos teóricos com Bakhtin, Lejeune, Ricoeur, Benveniste, reflete em seus estudos uma outra dimensão para a biografia, situada em domínios midiáticos em meio a novos gêneros, os quais serão utilizados nesta pesquisa, com os conceitos de espaço biográfico e entrevista midiática.

Em seu livro *O espaço biográfico: os dilemas da subjetividade contemporânea* (2010), Arfuch reflete a dimensão da (auto) biografia na atualidade. Segundo a autora, a biografia mover-se-á num terreno indeciso entre o testemunho, o romance e o relato histórico. Nesse mesmo sentido, para Bakhtin (2011), o entendimento da biografia ou da autobiografia como descrição de uma vida corresponde à “forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida” (p. 139).

Contar a história de uma vida é dar vida a essa história. É por meio da autobiografia, a partir da conceituação de Lejeune (2014), que essa intenção comunicativa se efetua e consistirá na “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16). Arfuch (2010), apesar de

partir da noção de espaço biográfico do autor, acredita que essa definição, embora seja sugestiva, por abrigar “formas diversas em que as vidas se narram e circulam” (p. 58), ainda não é suficiente para delinear um campo conceitual.

Por isso a autora propõe a definição de espaço biográfico como “uma confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa” (ARFUCH, 2010, p. 58). Dentro do espaço biográfico, estes gêneros – autobiografia, histórias de vida, entrevista biográfica – tentam dar conta, a todo momento, de que o fato realmente aconteceu, já que é dito pelo próprio “personagem”. Arfuch (2010) afirma ser a busca da “plenitude da presença – corpo, rosto, voz – como proteção inequívoca da existência, da mítica singularidade do eu” (ARFUCH, 2010, p. 74). É possível perceber, por meio do pensamento de Arfuch (2010), a expansão da ideia de espaço biográfico e dos gêneros nele inseridos.

Conforme apresentamos anteriormente, quando qualificamos determinadas narrativas como “biográficas”, incluímos nessa classificação gêneros variados, como no esquema abaixo:



ESQUEMA 1 – O espaço biográfico.
Fonte: Elaborado SANTANA-GOMES (2015).

Dentro do espaço biográfico, diversas formas de se contar uma história ou experiência de vida são encontradas. Inscrevem-se, assim: “para além do gênero, uma das grandes narrações do discurso, a narrativa, e estão sujeitas, portanto, a certos

procedimentos componentes entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade” (ARFUCH, 2010, p. 111).

É possível estabelecer a relação de diferentes tempos durante um relato autobiográfico, já que existe uma ancoragem imaginária de uma memória que acaba sendo construída. Destacaremos aqui: 1) o tempo do mundo da vida e 2) o tempo do relato. Essa conexão, que vai do relato ao acontecimento vivido, se torna paradoxal, já que o tempo só vai se tornar humano no momento em que se articula sobre um modo narrativo (ARFUCH, 2010).

Dessa perspectiva, falar do relato não remete apenas a ordem sequencial – ou não – dos fatos, mas “a forma por excelência de estruturação da vida e, conseqüentemente, da identidade, à hipótese de que existe, entre a atividade humana e o caráter temporal da experiência” (ARFUCH, 2010, p. 112).

Vale discutir o lugar que o documentário ocupa em meio a narrativas de vida. No *corpus*, é possível observar que o lugar de rememoração, narrado pelas mulheres, vai naturalmente para além do autobiográfico, envolvendo identidades coletivas e sentidos compartilhados. A seguir, conceituamos a noção de “entrevista midiática”, mecanismo adotado por nós para registrar os depoimentos das três mulheres cujos relatos constituem o *corpus* deste artigo. Por meio da entrevista, as mulheres reconstituíram trajetórias e fragmentos do tempo vivido, aqui entendido como a experiência individual, não associado ao tempo cronológico.

2 - A entrevista midiática

Ao estudar a entrevista como gênero textual na contemporaneidade, é possível perceber, tanto no campo midiático quanto no acadêmico, a tentativa de reconstruir, de forma fragmentária, a vida do sujeito (ARFUCH, 2010). Por se inspirar na conversação, a entrevista registra a presença e capta os espaços de momentos afetivos e caros ao entrevistado que, naquele momento do relato, realiza um exame de consciência. A entrevista permite ao sujeito avaliar momentos vividos e significar sua história a partir do que pensa ter sentido.

A partir das classificações propostas por Arfuch (2010), é possível afirmar que a entrevista midiática encontra-se no mesmo plano de gêneros como biografia,

autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória, testemunho, além de diversos outros termos cabíveis. Das entrevistas para o desenvolvimento deste artigo, surgiram depoimentos memorialísticos, com a projeção de imagens de si e com histórias ancoradas no espaço urbano.

É importante ressaltar que, embora tudo o que tenha dito seja “pela boca das protagonistas” – os bastidores de suas vidas, o testemunho –, há efeitos de subjetividade. Como observamos neste *corpus*, os relatos das narradoras produzem mais efeitos de subjetividades pela dimensão patêmica, relacionada às emoções e ao comportamento do sujeito. Nesse jogo dialético com o entrevistador, o entrevistado contribui para uma espécie de acervo comum. Arfuch (2010) cita Noé Jitrik (1995) quando esta diz que a entrevista ocupa o lugar das memórias na sociedade contemporânea.

Na perspectiva de Bakhtin (2011), a entrevista é um gênero secundário, mas suas características – o diálogo, a conversa, por exemplo – estão na mesma esteira dos gêneros primários. Essa heterogeneidade constitutiva dos gêneros discursivos, e no caso específico da entrevista, torna-se marcante. Ressaltamos também a associação da entrevista com outros gêneros secundários, como o teatro, o romance, o diálogo, o relatório, entre outros.

É possível elencar as partes que compõem geralmente uma entrevista, de maneira que essa configuração está ligada à questão da identidade, não só para demonstrar quem é quem para o entrevistador, mas para se atualizar e se reconhecer. Por isso, destacamos essas etapas elencadas por Arfuch (2010) que podem ser identificadas em biografemas⁶. Foram esses biografemas que utilizamos como critérios para a construção do roteiro das entrevistas e, posteriormente, para a construção do documentário.

- a) A *infância*: será a ancoragem obrigatória de todo devir. O biografema da infância será alimentado por detalhes ilustrativos e lúdicos. Além disso, o entrevistador será o privilegiado em ganhar o tom confidencial da narrativa.

⁶ Barthes (2003) propõe um conceito para biografemas, que seriam uma espécie de “anamnese factícia”, ou uma representação dos fragmentos de uma vida. Espécie de invenção pautada num modelo real-imaginário que visa a completar ou garantir contornos específicos a uma biografia.

b) *A vocação*: a autora afirma com veemência que dificilmente existiria outro gênero discursivo que imprimisse a ênfase no trabalho como o verdadeiro motor do devir humano.

c) *A afetividade*: seria a grande zona de competência da entrevista, a exibição pública da afetividade.

Assim, destacamos o esquema com as etapas que conduziram a entrevista semiestruturada.



ESQUEMA 2 – Roteiro de depoimentos (entrevista midiática).

Fonte: Elaborado por SANTANA-GOMES (2015).

Terminada a entrevista midiática, é feito um trabalho de edição, de escrita, quando se transcreve o material registrado no presente para, agora, se tornar uma testemunha. Mas uma indagação pode ser feita acerca da entrevista. O que ela fornece para a construção mesmo fragmentária de um relato de vida? Para isso, destacamos e adaptamos algumas questões apontadas por Arfuch (2010):

a) *encena a oralidade da narração*: a réplica da oralidade antiga agora na era midiática;

b) *atribuição da palavra*: o efeito paradoxal de espontaneidade e autenticidade. Paradoxal porque se trata de uma interlocução preparada pelo entrevistador, bem como pelo próprio entrevistado;

c) *alumbramento*: a história poderia ser contada em outros dispositivos, mas não seria a mesma sob outra modalidade de produção.

Como afirma Benveniste⁷, “nunca recuperamos nossa infância, nem o ontem tão próximo, nem o instante que fugiu instantaneamente” (BENVENISTE, 1995 *apud* ARFUCH, 2010, p. 113). Mas, como defende Arfuch (2010), é possível olhar para trás, num tempo forjado na História. “É nesse tempo que se realiza o maior trabalho da narração, o fato de recuperar algo que dá sentido, forma e estruturação da vida e, possivelmente, de sua identidade” (ARFUCH, 2010, p. 181).

A narrativa do “eu” na entrevista pressupõe uma terceira pessoa, já que falar sobre a vida abre espaço para discussão, espera a participação desse interlocutor. Por isso, ela não pretende alcançar um efeito de neutralidade. Observa-se como característica da narrativa a forte expressão de opiniões, de sentimentos do entrevistador e de outros efeitos, estéticos, éticos e retóricos. O próprio direcionamento dos assuntos que são refletidos na entrevista e os recortes das abordagens demonstram a participação do interlocutor. No presente artigo, as duas autoras cresceram também em Nanuque, local onde as mulheres entrevistadas, de alguma forma, constroem suas identidades.

A partir dos biografemas, pode-se observar como as enunciadoras entrevistadas sinalizam outras vozes – da tradição, da cultura, do senso comum. Como observa Arfuch (2010), são “valorações, crenças, verdades aceitas que assumimos como próprias, imprimindo-lhes o selo de nossa afetividade” (p. 184). Por meio das narrativas associadas a esses biografemas, é possível examinar alguns imaginários relacionados à vida infantil, ao trabalho, às figuras parentais e a outras áreas destacadas pelas entrevistadas em seus relatos. Em nossa metodologia, utilizamos o conceito de *ethos*, a partir de Maingueneau (2008), e os de imaginários sociodiscursivos e memória discursiva, cunhados por Charaudeau (2007).

3 - Operadores analíticos

⁷ Arfuch (2010) se ancora em pensamentos desenvolvidos por Émile Benveniste, ao refletir sobre o tempo da narrativa e sobre o aparelho formal da enunciação.

Diante do *corpus*, consideramos relevante refletir como as entrevistadas reconstróem suas identidades e projetam imagens de si. Para tanto, fez-se necessário pensar em conceitos e categorias analíticas que dessem conta da complexidade do *corpus*. Recorremos ao conceito de *ethos* pensado por Aristóteles que, a partir da retórica antiga, trouxe a tríade do *ethos*, *pathos* e *logos*. Para Maingueneau (2008), “os ‘argumentos’ correspondem ao *logos*, as ‘paixões’ ao *pathos*, as ‘condutas’ ao *ethos*” (MAINGUENEAU, 2008, p. 14, *destaques do autor*). Ressaltamos que, para as análises, foi perceptível a presença da dimensão patêmica nos discursos das entrevistadas.

O *ethos* e seu primeiro uso nas Ciências da Linguagem se devem a teoria polifônica de Ducrot. No entanto, o estudioso não desenvolveu sua reflexão sobre o conceito. A elaboração da noção contemporânea de *ethos* que abordamos, atualmente, se deve a Dominique Maingueneau. Para o autor, essa noção se desenvolve de forma articulada a de cena de enunciação. O pesquisador também a relaciona à noção de tom, que remete tanto à escrita quanto à fala. O autor observa, em *A propósito do ethos*, que o interesse cada vez mais crescente pelo estudo do *ethos* vincula-se “a uma evolução das condições do exercício da palavra publicamente proferida, particularmente com a pressão das mídias audiovisuais e da publicidade” (MAINGUENEAU, 2008, p. 11).

Maingueneau (2008) resgata o conceito de *ethos* retórico proposto por Ducrot. O autor defendia que o *ethos* se mostrava no ato de enunciação. A aparência das afirmações, por meio da cadência, da entonação, da escolha de palavras e dos argumentos do discurso, era responsável por tornar a enunciação aceitável ou refutável. Nesse sentido, Maingueneau (2008) acredita que é a partir de dispositivos exteriores que o *ethos* caracteriza o locutor.

Por outro lado, Maingueneau (2008) pondera que, apesar de o *ethos* estar ligado fortemente ao ato de enunciação, ele existe antes mesmo que o enunciador fale. Assim, há o *ethos discursivo* e o *ethos pré-discursivo*.

- o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo *iterativo* de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de

uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica.
(MAINGUENEAU, 2008, p. 17, *destaques do autor*).

Para abranger nossas discussões teóricas e analíticas, utilizamos alguns conceitos desenvolvidos pelo pesquisador francês Patrick Charaudeau, que propõe uma análise contrastiva e uma Análise do Discurso interpretativa. Neste artigo, utilizaremos a noção de memória discursiva e imaginários sociodiscursivos que foram observados pelo pesquisador.

Sobre o conceito de *memória discursiva*, desenvolvidos por Charaudeau (2004), o autor retoma Bakhtin para reforçar que o sujeito falante precisa de referências para se inscrever no mundo dos signos, construir suas intenções e comunicar. Diante desse postulado, Charaudeau (2004) defende que o sujeito possui três memórias. A primeira delas é a *memória dos discursos*, que constitui os saberes de conhecimento e de crença sobre o mundo. “Tais discursos circulam na sociedade enquanto representações em torno das quais se constroem as identidades coletivas e fragmentam a sociedade em comunidades discursivas” (CHARAUDEAU, 2004, p. 20).

A segunda memória corresponde às *situações de comunicação*, responsáveis por normatizar as trocas comunicativas e estabelecer conjunto de condições psicológicas e sociais comum a todos, de modo que todos “possam estabelecer um contrato de reconhecimento, condição da construção recíproca e diferenciada do sentido” (CHARAUDEAU, 2004, p. 20). Já a terceira memória se equilibra nas *formas de signos*, ou seja, na compreensão das trocas verbais, icônicas e gestuais nas quais o discurso se constrói.

“É esta memória semiológica que faz com que os indivíduos possam elaborar julgamentos de ordem estética, ética, pragmática, etc., sobre a maneira de se comportar e de falar em nome de normas sociais supostamente partilhadas.”
(CHARAUDEAU, 2004, p. 21).

Por fim, ocupamos da noção de imaginários, proposta por Charaudeau (2007). A partir de signos sintoma de imaginários, Charaudeau propõe que determinado termo em um discurso ou aspectos dos vestuários, dentre outros índices semióticos podem sinalizar imaginários sociodiscursivos.

O conceito sobre imaginários, amplamente abordado por Charaudeau no artigo *Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux*, publicado na França, em 2007, é utilizado nesta pesquisa, a fim de que nos apropriarmos do que o pesquisador denomina de imaginários socioculturais. O imaginário se manifesta na intersubjetividade das relações humanas, sendo resultado de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional, que se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. Esse imaginário pode ser considerado social, porque abrange um domínio de prática compartilhada (artística, política, religiosa, jurídica, educativa, entre outros). Logo, tornam-se coerentes as relações de conduta (CHARAUDEAU, 2007).

Charaudeau (2007) observa que tais imaginários são transmitidos por meio do discurso a partir de dois saberes: o de *crença* e o de *conhecimento*. Enquanto os *saberes de crença* estão associados às significações que damos ao mundo, por meio de julgamento e comportamento, dando origem a outros dois saberes – *revelação e opinião comum, relativa ou coletiva* –, os *saberes de conhecimento* estão dissociados da subjetividade do sujeito, buscando a veracidade a partir da explicação dos fenômenos. Os saberes de conhecimento são subdivididos em *ciência e experiência*.

4 - Do meu interior: infância, vocação e afetividade

Como mencionamos anteriormente, o roteiro de entrevistas com Lucinólia, Maria Helena e Terezinha Maria foi conduzido a partir dos biografemas relacionados à infância, à vocação e à afetividade. Nas análises, subdividimos temas partilhados que constituem as narrativas das três mulheres, são eles: i) apresentação das colaboradoras; ii) a infância: referências às figuras parentais; ii) vocações: a presença da fé e o trabalho; iii) afetividade: o espaço.

Apesar de protagonizarem histórias particulares, o primeiro aspecto que aproxima as três entrevistadas é o fato de que elas não nasceram em Nanuque – todas são do nordeste do Brasil, sendo Lucia e Terezinha Maria da Bahia e Maria Helena do Ceará –, mas se apropriaram da cidade por meio de histórias e lembranças que constituem o que são hoje nesse território.



Lucinólia Pereira, a Lucia, de 42 anos



Maria Helena Santana, de 67 anos



Terezinha Maria da Silva Gomes, de 81 anos

O segundo aspecto comum a essas três mulheres está ligado ao comportamento delas ao descrevem a infância, dando destaque a lembranças saudosas, por mais sofrido que tivesse sido esse período de suas vidas, no caso de Maria Helena e Lucia principalmente. O primeiro momento da infância de Maria Helena, no Nordeste, foi marcado pela seca, principal motivo que determinou a vinda dela e de sua família para Nanuque: “eu nasci em 1949 e nós mudamos pra Minas Gerais no final de 1957. E nesse intervalo de tempo, de quando eu nasci até a gente vir pra cá, a gente nunca tinha visto uma chuva” (Maria Helena, 2016). Percebemos, nessa passagem, a seca como uma problemática fortemente marcada no Nordeste, e a presença do imaginário social da chuva como algo raro nessa região. Maria Helena lembra emocionada desse fato, com apelo a uma dimensão patêmica em sua narrativa, já que viu, pela primeira vez, a chuva

cair em sua nova cidade, fato curioso para nós, e que a partir de sua narrativa (auto) biográfica, demonstra o testemunho histórico e social.

Durante toda a entrevista, Maria Helena sorri ao resgatar momentos difíceis do passado, e também afetivos, como quando sua família recebeu a carta do seu pai, Miguel Santana, vendedor ambulante de jóias, avisando que tinha encontrado uma nova cidade para morarem.

Pai preparou o terreno para trazer nós. Ele ficou uns quatro meses sem mandar notícia. Aí, em novembro de 1957, chegou uma cartinha. O papel da carta era até azul com um cartão de Natal. Deu o endereço até Teófilo Otoni, que era onde a gente ia chegar. Quando viemos, éramos seis filhos, mãe e vó. Nós gastamos oito dias pra chegar até Teófilo Otoni. (Maria Helena, 2016).

Maria Helena resgata detalhes ainda nítidos em sua memória, demonstrando um efeito patêmico na narração, como sugere Maingueneau (2008). Ela enfatiza, por exemplo, os oito dias de viagem e a quantidade de meses que o seu pai não pôde dar notícias.

Já Lucia conta que, apesar de não ter aproveitado a adolescência, por ter se casado aos 16 anos, a infância que passou em Nova Canaã, ao lado dos pais agricultores, Laurindo e Laurentina, e dos cinco irmãos era muito boa. “Brinquei muito. Minha infância foi muito boa. A adolescência que não. Eu casei muito nova.” (Lucia, 2016). E afirma por que sente saudade de Nova Canaã: “Era uma cidade muito boa. Na roça, os produtos todos eram originais. Hoje tudo tem remédio. A vida era mais saudável. Hoje não.” (Lucia, 2016). Percebemos a dimensão subjetiva de Lucia, a transformação de si e os processos intersubjetivos fortes, como a sua relação familiar, cultural e social. Ela demonstra que se casou nova, apontando o imaginário social do casamento precoce, comum às mulheres de sua região e de sua faixa etária. Também problematiza o fato de ter tido uma vida mais saudável, quando compara o seu crescimento em meio rural, sem intervenção, por exemplo, de agrotóxicos em sua alimentação. É possível observar em seu discurso o efeito de realidade que remete a um saber de conhecimento (CHARAUDEAU, 2007) gerado por sua experiência no contexto rural.

4.1 - A infância: referência às figuras parentais

Nas três entrevistas, o aspecto que despertou afetividade se relaciona às figuras maternas e paternas das entrevistadas, mobilizando imaginários de honra, obediência e devoção, projetando *ethé* dos pais. Terezinha Maria, por exemplo, destaca a locução adjetiva “melhor do mundo” para descrever o pai Ismael e a mãe Estelita. Sobre a mãe, enfatiza que “era muito preocupada com os filhos, muito doméstica” e exclama: “Só tinha o primário, mas era de uma sabedoria!” (Terezinha Maria, 2016). A relação da mãe como figura atrelada aos afazeres domésticos demonstra o imaginário de uma sociedade ainda patriarcal e desigual, ressaltando a falta de oportunidades e de estudos para a mulher. Quando Terezinha afirma o pouco estudo da mãe, e enfatiza, por outro lado, a sabedoria, remete-nos ao saber de conhecimento (CHARAUDEAU, 2007) gerado pela experiência. Em relação ao pai, atribui valores de amor e sensibilidade. “Nós sempre nos destacávamos muito na escola. Mas ele não aguentava a emoção e chorava. Para evitar que os colegas e os amigos vissem ele chorando, ele não ia. Quem ia era minha mãe.” (Terezinha Maria, 2016). Nessa passagem, observamos o efeito patêmico na narrativa, ao afirmar: “não aguentava a emoção e chorava”. O pai preferia não acompanhar os feitos dos filhos na escola para não se emocionar, sustentando o imaginário da não sensibilidade do homem, de que “homem não chora”.

Lucia, por sua vez, destaca a beleza, a bondade da mãe, a responsabilidade ao criar os filhos e lamenta a morte dela. “Minha mãe morreu muito nova. Sinto muito falta dela. Eu convivi muito pouco tempo com ela, porque eu sempre estava morando com os outros. Eu ia pra casa das minhas irmãs ajudar, quando elas ficavam grávidas” (Lucia, 2016). Sobre o pai, defende a bondade e o estímulo ao estudo, mesmo ela não tendo concluído o Ensino Médio.

Se a gente não estudou, foi por causa da gente mesmo. As outras [irmãs] estudaram, mas eu não. Eu não posso falar assim “ah, eu não estudei por causa do meu pai”. Não! Eu não estudei porque eu não quis. Me arrependo e muito por não ter estudado. E é o que eu falo para os meus filhos hoje: “o que a gente puder fazer alguma coisa na vida pra estudar, a gente tem que fazer”. (Lucia, 2016).

Mais uma vez, Lucia ressalta a dimensão intersubjetiva marcada pelo processo de arrependimento. Ela teve oportunidade para estudar, mas não quis. Por isso, estimula os estudos aos seus filhos, sustentado por um saber de opinião (CHARAUDEAU,

2007), com um imaginário de que é preciso esforço para estudar e, assim, conseguir melhores condições de vida.

Maria Helena ressalta as lutas dos pais, Rosa e Miguel. Miguel quase morreu ainda recém-nascido por Lampião, em assalto que matou vários homens da cidade, entre eles, o avô paterno de Maria Helena. O fato fez com que até os sete anos de idade Miguel Santana usasse saias, vestidos e cabelo comprido. Caso Lampião voltasse, não descobriria que a criança era do sexo masculino. Ao ressaltar esse fato constitutivo da identidade familiar, observamos efeito de ficção em sua narrativa, com o engendramento de um vilão para a sua narrativa, o Lampião, e o seu pai, obviamente, como vítima da chacina de Lampião. Para a mãe Rosa, Maria Helena constrói, ao longo de sua narrativa, o exemplo de mãe, de mulher forte e de companheira do marido no trabalho como comerciante em Nanuque.

Eu sempre achei que eu tinha que ajudar em casa. Eu nunca achei isso um peso. Eu acho que é um dever, dentro da família, nós, os filhos, temos que ajudar o pai e a mãe e as pessoas mais velhas. A gente que é daquela aldeia ali a gente tem que respeitar. A figura do pai e da mãe sobrepõe tudo (Maria Helena, 2016).

É possível perceber, portanto, o imaginário social marcado por um saber de crença (CHARAUDEAU, 2007), de hierarquia familiar, de filhos mais velhos – como é o caso de Maria Helena – serem exemplos para a família. Independentemente de gênero, ela insere o signo aldeia em seu discurso, que demonstra uma relação de obediência aos mais velhos e a um líder, no caso, os seus pais.

4.2 - Vocação: a presença da fé

As três entrevistadas reforçam o vínculo com a religião, sobretudo ao descreverem momentos difíceis. Lucia, que se identifica como mãe de três filhos, perdeu a filha do meio, Luana, que, aos três anos de idade, foi vítima de meningite. Lucia conta que, mesmo depois de ter operado para não ter mais filhos, engravidou do filho mais novo, Jackson, e acredita que Deus o enviou para suprir a ausência da filha. Reforça a importância da fé em situações como essa.

É difícil porque a gente nunca esquece. Até hoje eu não esqueço. Pra mim ela sempre está comigo. Uma mãe que ama seu filho nunca esquece dele. Ainda mais ela, porque o sonho meu era ter uma filha mulher. Pedi força a Deus,

porque eu tinha os outros pra criar. O pai já estava doente com depressão. Foi isso que Ele [Deus] fez: me deu força. Sofri muito, mas consegui (Lucia, 2016).

Nesse trecho em destaque, fica evidente o imaginário de crença (CHARAUDEAU, 2007), do Deus que guia e fortalece, fazendo parte do destino da vida. Deus como pensamento e identificação.

Maria Helena e Terezinha Maria dividiam o desejo de ser freira. A admiração de Maria Helena foi despertada pelo trabalho missionário. “Achei o trabalho das freiras muito bonito. Quem quer seguir a Jesus não pode olhar para trás. [...] A primeira missão pra tentar ajudar o próximo é ser correto. Não responder as coisas da mesma maneira que recebe”, relata Maria Helena, quando nos conta que chegou a fazer os votos para ser freira em um convento em São Paulo, aos 18 anos. “Depois de um tempo, eu entendi que minha missão eu tinha que cumprir aqui, na minha casa” (Maria Helena, 2016). Ela nos diz que teve de deixar o convento e voltar para Nanuque, porque sua avó estava com uma doença grave. Para ela, o imaginário de crença é de que a família vem em primeiro lugar, atrelada a sua missão, com o destino de abdicar do seu sonho em função de seus familiares.

Terezinha Maria, que estudou durante anos em colégio de freiras, compartilha o nome que, inclusive, já havia escolhido: irmã Maria Helena de Jesus Crucificada. Terezinha Maria conta que nos últimos anos a fé que tanto afirma e estuda tem funcionado. No período de um ano, perdeu a irmã gêmea, Maria Terezinha, e a filha Rita. “Essas duas perdas últimas têm me acabado, porque às vezes a gente cai. [...] Foi um choque muito grande pra mim. Mas Deus tem me levantado. Aí vem a fé!” (Terezinha Maria, 2016). Dessa percepção de fé, observamos mais um fato comum entre as três entrevistadas: a fé que as sustenta e as faz seguir adiante, demonstrando um *leitmotiv* em suas vidas.

4.3 - Vocação: o trabalho

Sobre o trabalho, Terezinha Maria utiliza a expressão “luta” para caracterizá-lo e declara: “Eu não saberia ser outra coisa que não fosse professora” (Terezinha Maria, 2016). É possível perceber o signo de vocação – uma das categorias que nortearam a

nossa entrevista – claramente expresso na frase. Maria Helena, por sua vez, remete ao termo “dom” para representar o trabalho.

Ter a mente ocupada em um ofício é o que dignifica a pessoa. O nosso avô João era artesão e não perdia tempo, também era pedreiro. O trabalho é um dom e a gente tem que agradecer o dom que deu certo na vida da gente (Maria Helena, 2016).

O dom de Maria Helena é o desenho. Afirma que sempre teve vontade de seguir uma missão e de fazer uma faculdade de desenho. Chegou a estudar Belas Artes em São Paulo, e enfrentou preconceito por ser nordestina. Por motivos que mencionamos anteriormente, ela teve de retornar para Nanuque. Em sua narrativa, é perceptível as marcas nordestinas: o sotaque, a fisionomia, as lembranças de preconceito que sofreu e até hoje relembra. É válido ressaltar o saber de crença, quando atribui o dom do trabalho e agradece pelo talento que tem.

Já Lucia evidencia o imaginário de trabalho da mulher na Polícia Militar:

Aquelas roupas, aquela boina na cabeça. Nossa! Pra mim era a coisa mais linda do mundo. Já se fosse hoje eu não queria (risos). Eu tomei raiva de polícia, medo de polícia. Eles fazem coisas certas e coisas erradas. Se for um bandido, eles não pegam, se for um bêbado, eles pegam o bêbado. E acaba até batendo. Eu fiquei contra isso (Lucia, 2016).

Lucia evidencia a importância do trabalho para a independência da mulher: “naquele tempo, mulher dependia de homem pra tudo. Hoje a mulher é independente. Mulher que tem coragem de trabalhar não depende de homem” (Lucia, 2016). Destaca, também, a necessidade de igualdade nas relações de trabalho. Utiliza a aplicação prática na sua relação, como empregada doméstica, com suas chefes, as “patroas”.

Eu quero respeito. O respeito, igualmente eu respeito ela. Assim como eu sou empregada, ela também é. Não é porque ela é rica. Ela também é empregada e precisa trabalhar. Então, nós somos iguais. Se eu fosse uma pessoa rica, eu trataria meus empregados igual a qualquer outra pessoa. Devem me tratar do jeito que eu sou, normal, como eles. (Lucia, 2016).

A fala reflete o imaginário de não divisão em castas sociais. O discurso é marcado por um tom defensivo de sua condição como empregada doméstica e de quebra de preconceitos.

4.4 - Afetividade: o espaço

É curioso perceber que, durante a maior parte da entrevista, Terezinha Maria relata suas experiências de vida conjugando os verbos na primeira pessoa do plural, como se falasse por ela e por sua irmã gêmea.

Sempre dividimos as responsabilidades: uma cuidava da saúde da família e a outra, dos negócios. Depois que ela foi embora, eu fiquei sozinha. E eu nunca achei que eu parecia tanto com ela como eu acho agora. Eu chego no espelho e vejo ela. E falo: “ô sua safada, você foi embora e agora fica aí no espelho atrás de mim né?” (gargalhadas) (Terezinha Maria, 2016).

A intenção comunicativa, nesse trecho, está direcionada a um outro eu, o de sua irmã, que não deixa de fazer parte de sua própria identidade. A irmã, que é gêmea, também é ela.

Ao se localizarem na cidade, as entrevistadas deixam claros os diferentes vínculos afetivos que possuem com o espaço urbano. No início da entrevista com Maria Helena, ela recorre às memórias que têm da cidade, especialmente do primeiro contato que teve com o rio Mucuri. “Era um rio valente! Nós ficamos terrivelmente apavorados, com medo de tanta água. Ficamos com medo de atravessar. Pai pegou a gente no colo, um por um, para passar pela ponte. E depois comprou um monte de doce pra gente ficar feliz” (Maria Helena, 2016). Como mencionamos anteriormente, a família, que veio do Nordeste, e nunca tinha visto a chuva, ficou impressionada com a quantidade de água, revelando um saber de experiência. Maria Helena considera a Pedra do Bueno o local mais simbólico de Nanuque. “O povo tem a superstição de que quem sobe na Pedra de Nanuque não sai daqui. A pedra, apesar de difícil pra gente subir, lá você tem a visão panorâmica do mundo. Ninguém consegue arrancar ela dali.” (Maria Helena, 2016). Podemos inferir aqui uma metáfora em sua narrativa, a pedra é forte, e eu também. A referência ao enraizamento está fortemente marcada em sua enunciação.

Lucia, que mora em área rural, admira a lagoa que foi tratada e urbanizada no bairro onde se encontra a fazenda em que ela e o marido trabalham e moram. Em tom crítico, ar risonho e usando o diminutivo para ironizar sua fala, opina: “o mais bonitinho que tem nessa cidade é a lagoa” (Lucia, 2016). Com o mesmo foco de identificação ao que está mais próximo, Terezinha Maria afirma se identificar com “o lado de cá”, já que desse lado ela sempre morou e trabalhou. Os cidadãos de Nanuque usam com frequência, para se localizarem, as expressões “lado de lá” e “lado de cá”, tendo como

referência a ponte que une a cidade por causa do rio Mucuri. É importante destacar a representação da ponte sobre o rio Mucuri, especificamente na cidade de Nanuque, que marca contrastes sociais.

Considerações finais

Nesse processo de lembrar e narrar, Lucia, Maria Helena e Maria Terezinha revelaram suas representações, ideologias, crenças, valores e significados aos acontecimentos vividos. A partir dessas revelações, foi possível também defrontar com as dores e alegrias de suas vidas.

Percebemos em Maria Helena o *ethos* de ser humano cristão, que segue os valores regidos pelo Cristianismo, abdicando de seus sonhos para se doar à família. Em Terezinha Maria, assim como o *ethos* de ser humano cristão, identificamos a imagem de uma mulher forte, que enfrenta cada perda, tanto de sua filha quanto de sua irmã gêmea, com perseverança. Em Lucia, encontramos um *ethos* de mulher independente, que reforça a igualdade no trabalho e entre os gêneros.

De forma geral, a partir do conceito proposto por Maingueneau (2008), os possíveis *ethé* discursivos presentes em cada uma dessas mulheres são *de vencedoras*, com esforço, persistência e trabalho árduo; de *superação*, pela trajetória que fizeram questão de enfatizar, de onde vieram, quem são e onde estão hoje; e, sobretudo, uma outra dimensão de mulher: *independentes*, subvertendo a lógica provinciana de mulher no interior como submissa e colocada à margem. Essas são mulheres protagonistas de suas próprias narrativas.

Como afirmamos na introdução desta pesquisa, gravamos, em mídia audiovisual, os depoimentos dessas três mulheres em Nanuque (MG). Nosso objetivo é, em breve, disponibilizar o material em formato de documentário *on-line*. O trabalho tem como propósito chegar a mais pesquisadores, aos moradores da cidade e, principalmente, às próprias protagonistas. Destacamos, neste projeto, a intenção social de disseminar essas narrativas aos moradores de uma região de Minas Gerais pouco assistida e de levar essas memórias e recordações a inúmeras brasileiras que possam se identificar com as lembranças de Lucia, Maria Helena e Terezinha Maria.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vedal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. Biografia e autobiografia antigas. In: **Questões de Literatura e Estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: Boyer H. (dir.) **Stéréotypage, stéréotypes**: fonctionnements ordinaires et mises en scène. Paris: L'Harmattan, 2007.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs). **Gêneros**: Reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE UFMG, 2004, p. 13-41.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-25.

_____. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.

PROCÓPIO-XAVIER, Mariana Ramalho. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**. 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As confissões (2 vol.)**. Tradução de Rachel de Queiroz. 2. ed. São Paulo: Atena Editora, 1959.

SANTANA-GOMES, Letícia. **Por uma memória editorial**: uma análise do documentário em uma perspectiva discursiva e autobiográfica. Monografia (Curso de Letras – Tecnologias de Edição). Belo Horizonte. CEFET-MG, 2015, 72f.